



Madame Roland

Foi por certo grande a mulher, de quem o immortal Goethe disse: = As obras de M.^{me} Roland excitaram a minha admiração. Talentos e caracteres taes são talvez a unica vantagem que tempos bem desgraçados hão de proporcionar á posteridade. São esses os caracteres que dão um tão alto valor aos dias mais abominaveis da historia do mundo. =

Assim se exprimia o grande genio allemão ácerca da mulher illustrada, verdadeiramente amiga da liberdade, — e victima infeliz d'essa mesma liberdade, á hora em que execrandos monstros affogavam no sangue a santa causa dos povos.

É M.^{me} Roland uma das mais celebres senhoras, que na Revolução Franceza representaram um papel. O seu nome jámais se riscará das paginas da historia, e será sempre um protesto eloquente contra a ferocidade barbara e atroz, que manchou o acontecimento mais memoravel dos tempos modernos.

Manon-Jeanne Philipon, depois M.^{me} Roland, nasceu em Paris no anno de 1754. Seu pae tinha a profissão de gravador, e era como tal muito distincto: mas, por máo fado, não manteve ordem e moderação nas despesas, e veio a dissipar a sua fortuna. Assim mesmo viveu a menina Philipon desde os primeiros annos no meio de objectos das bellas artes, de livros, de quadros, de musica, — de sorte que não lhe faltaram os meios de cultivar a intelligencia, e de illustrar grandemente o espirito.

Encantado das graças e talento d'aquella menina, deliberou-se Roland, inspector das manu-

facturas, a dar-lhe a mão de esposo; e é na qualidade de M.^{me} Roland que ella deixou assignalado o seu nome nos fastos da Revolução Franceza.

Acompanhando seu marido a Amiens, entregou-se ali ao estudo da Botanica, — sciencia, na qual chegou a adquirir grandes conhecimentos. Viajando depois com elle pela Inglaterra e pela Suissa, começou a interessar se vivamente pela liberdade de que estes dois paizes gosavam; de sorte que, ao tempo em que surgio a Revolução Franceza, pôde communicar a seu marido o amor das instituições livres, e insinuar-lhe o desejo de applicar á Franca os principios que na pratica da Inglaterra e da Suissa admirára.

Entrou Roland na municipalidade de Lyon. A industria d'aquella cidade chegára ao maior apuro: vinte mil operarios tinham estado sem pão durante o inverno: Roland foi designado pela municipalidade para ir em deputação á Assembléa Constituinte, afim de representar sobre aquelle tristissimo estado de cousas, e sollicitar os soccorros adequados. Chegou a Paris com sua esposa no dia 20 de fevereiro de 1791; e d'essa época data a sua intervenção nos negocios públicos. Por intermedio de Brissot, com o qual se correspondia de ha muito, ligou-se com os homens mais notaveis do partido popular, com os celebres deputados da Gironda. Era, porém, M.^{me} Roland quem principalmente inspirava seu marido, quem lhe influa brios e animação para um dia representar no theatro politico. Nas reuniões que em casa de Roland se effectuavam, era M.^{me} Roland a alma de todas as deliberações,

e pôde dizer-se que por algum tempo foi ella o poder occulto que encaminhava os destinos da França.

Roland subio ao ministerio; mas a cõrte fez-lhe guerra, e o obrigou a demittir-se. Voltou depois ao mesmo pòsto, chamado pela Assembléa Legislativa; e afinal, atravez de varias alternativas, deu a sua demissão, e foi envolvido na proscricção dos Girondinos, logrando todavia escapar á prisão, por haver podido refugiar-se em Rouen. Se, porém, Roland pôde subtrair-se á guilhotina, nem por isso a sorte lhe foi menos adversa; lá no seu escondrijo recebeu a fatal noticia de que sua mulher fôra guilhotinada, e desde logo resolveu pôr termo á vida, o que de feito executou, suicidando-se na aldeia de Baudouin, a 4 leguas de distancia de Rouen, no dia 15 de novembro de 1793. Acháram nos vestidos do infeliz Roland um bilhete que resava assim: = «Quem quér que fôres, que assim me encontrares, respeita os meus despojos mortaes, pois que são os de um homem que dedicou toda a sua vida ao bem publico, e morreu, como sempre viveu, honesto e virtuoso. Oxalá que os meus concidadãos se possúam de sentimentos mais doces e mais humanos! O sangue que em torrentes corre na minha patria, é quem me inspira este voto! A indignação fez-me abandonar o meu refugio. Desde que me constou o supplicio de minha mulher, não quiz por mais tempo permanecer n'uma terra manchada de crimes!» =

Pareceu-me bem concluir o que é relativo a Roland, para mais seguidamente proseguir na exposição do que diz respeito a sua esposa.

Como vimos, era M.^{me} Roland a alma das deliberações dos Girondinos, e não menos o conselheiro e o instigador de seu marido. D'isso estavam persuadidos os sanguisedentos adversarios do partido liberal moderado, como se vê da ironica invectiva do celebre Danton: = Se convidamos o *senhor*, tambem é necessario convidar a *senhora*. Conheço todas as virtudes do ministro; mas do que necessitamos, é de homens que vejam as cousas por seu proprio juizo, e não pelo de suas mulheres. = Effectivamente compareceu M.^{me} Roland na sala das sessões da Convenção, para refutar uma denuncia, e ali orou com tanta facilidade, como nobreza e graça.

Não obstante a proscricção dos Girondinos, entendeu M.^{me} Roland que não correria perigo uma senhora, embora seu marido fosse do numero dos proscriptos. Enganou-se na sua conjectura, aliás tão plausivel. Foi presa; e depois de passar cinco mezes em Sainte-Pelagie, durante os quaes lhe coube a ventura de ser a consoladora de outras victimas do rigor dos tempos, foi condemnada ao supplicio da guilhotina.

Na fatal hora da execução desenvolveu M.^{me} Roland uma coragem heroica e sublime. E subindo ao cadafalso, fitou os olhos na estatua colossal da Liberdade, que haviam levantado para a festa do dia 10 de agosto proximo passado, e proferio estas memoraveis palavras: «Ó Liberdade, quantos crimes se não commettem em teu nome!»; e segundo outra versão: «Ó Liberdade, como zombam de ti!» Antes d'isso, disséra ella a um infeliz companheiro de guilhotina: «Subi primeiro: não terieis por certo força para me ver morrer»; sendo muito para admirar que ainda em tão temerosa conjunctura tivesse M.^{me} Ro-

land a presença de espirito, necessaria para dar mostras de delicada sensibilidade a um companheiro de infortunio que tinha perdido o animo.

Tenho diante de mim as *Memorias de M.^{me} Roland*, e um bello trabalho de critica sobre ellas por M. C. A. Saint-Beuve. Facil me fôra, pois, penetrar mais a fundo no exame da historia e escriptos d'esta mulher illustre; mas devo reservar esse estudo para outra occasião, limitando-me agora a lançar os breves traços que ahi ficam delineados — a proposito do retrato que este semanario apresenta hoje.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

IV

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu. *De l'espr. des lois*. XX 2^o.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même État, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot. *Dict. Gén. de la Pol. vb. — Commerce*.

Se houve em algumas épocas e em alguns paizes a desconsideração para com o commercio, que no artigo antecedente mencionámos, — é certo que outras épocas e paizes dão testemunho de doutrinas mais sãs, de praticas mais racionais.

Uma bella reflexão se fez a respeito da Inglaterra, e vem a ser, que todos os partidos, formados no seu seio, puritanos, independentes, presbyterianos, epicopaes, whigs, torys... todos concorreram desde o reinado da rainha Isabel para favorecer o commercio.

O commercio, disse Bolingbroke, deu-nos a riqueza; a riqueza deu-nos o poder; e o poder elevou a nossa ilha ao estado de poder fazer frente á França.

N'estes nossos tempos é já um *logar commun* o dizer-se: o commercio é o laço que une todas as nações; alimenta a industria; derrama beneficios por todo o universo; é para o bem estar do mundo civilisado, o que o ar e os comestiveis são para com o corpo.

N'estes nossos tempos é uma trivialidade o asseverar-se que o negociante une entre si os homens por meio do trafico mutuo; distribue os dons da natureza; dá occupação e sustento aos pobres, satisfaz aos desejos dos ricos e á magnificencia dos grandes.

Mas o que mais propriamente nos offerece novidade, é a consideração do que se passava ou fazia em tempos, que a outros respeitos estão mui distantes da civilisação da actualidade.

Quem duvidar, disse já alguém, de que os reis, rainhas, principes e infantes de Portugal commerciavam, não tem mais do que olhar para os contractos esponsalicios e dotaes entre rei e rainha, para os tratados de commercio de outras eras,

— e então conhecerá que os reinantes são pela maior parte descendentes dos Medicis; — dos Medicis, que de um modo tão habil e com tamanho fervor lidaram em Florença nas mais extensas e quantiosas operações commerciaes. Admiravel familia de grandes homens, que pelo commercio adquiria riquezas, e que pelas riquezas dava animação e fervor ás Lettras, ás Bellas Artes e á Industria!

Todos os grandes homens de Portugal, do tempo dos descobrimentos maritimos, e da época em que as conquistas estavam no seu auge, commerciam por sua conta, e não se envergonhavam de dizer: *Andamos fazendo nossa veniaga.*

E de passagem dirêmos, que por espaço de dois seculos foram os portuguezes os mestres e os senhores do commercio. Este período brilhante da navegação, descobrimentos e conquistas, data do anno de 1415 (tomada de Ceuta), e chega até aos primeiros annos do seculo XVII, em que os inglezes e hollandezes entraram em scena. (1)

— É do mez de agosto de 1699 o famoso decreto, em que Luiz XIV dizia: «... Apraz-nos em que todos os fidalgos possam, per si ou por interpostas pessoas, associar-se e tomar parte nos navios mercantes, géneros e mercadorias destes, sem por isso se julgar ou reputar que decaíram da nobreza, — com tanto que não vendam a retalho.»

A este decreto seguiu-se o de 1701, pelo qual declarava o mesmo Luiz XIV «querer que todos os seus subditos, nobres por nascimento, pelos cargos, ou por outro qualquer modo, excepto os magistrados judiciaes, possam livremente fazer todo o género de commercio em gróssos, tanto dentro como fóra do reino, por sua conta, ou por commissão, sem por isso perdêrem a nobreza.»

Chega o memoravel anno de 1789, e são os proprios nobres quem péde, que a qualquer fidalgo fôsse permittido *deixar dormir sua nobreza*, segundo o uso da Bretanha, para exercitar não só o commercio maritimo e o commercio em gróssos, senão tambem todo o género de commercio. (2)

Philippe V deu uma proveitosa lição á nobreza castelhana, declarando por um decreto de 1773, que o commercio e a industria eram perfeitamente compatíveis com a nobreza, e que os fidalgos não perdiam a fidalguia estabelecendo fabricas.

— Citêmos tambem alguma cousa de Portugal, na especialidade que ora nos occupa, — isto é, no que respeita á expressão de pensamentos philosophicos da parte dos soberanos.

El-rei D. Manoel, depois do descobrimento do

caminho maritimo para a India, gloriosamente effectuado por Vasco da Gama, tomou o titulo de *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar, em Africa Senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiópia, Arabia, Persia e India.* — Este titulo, que ora nos parece apparatoso em demasia, e revelador de vangloria, tinha no seculo XV e nos successivos annos do seculo XVI uma tal ou qual justificação, em presença da novidade e importancia dos acontecimentos d'esses tempos, e maiormente demonstrava, da parte do soberano, uma decidida disposição para ennobrecer a navegação e o commercio.

A proposito da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão, dizia o alvará de 5 de janeiro de 1757: «... pois que tendo (a Companhia) por objecto fazer florescer nos seus reinos e senhorios o commercio, de que depende tanto a utilidade de cada um em particular, como a do bem publico do Estado, é não só indifferente, mas decoroso a todas as pessoas, ainda ás de maior grandeza, e qualidade, interessarem-se n'ella.»

A proposito da repressão do contrabando dizia o alvará com força de lei de 14 de novembro do mesmo anno de 1757: «... mas tambem quando (o contrabando) grassa em geral prejuizo do commercio, e descredito dos homens honrados, e de bem, que n'elle se empregam em beneficio commum.»

A Carta de Lei de 30 de agosto de 1770 começa por dizer: «A todos os meus fieis vassallos d'estes reinos, e seus dominios é notorio, que desde os principios da meu governo foi um dos meus maiores, e mais assiduos cuidados animar e proteger o commercio: *Mostrando a estimação que faço dos bom e loucaveis negociantes: facilitando-lhes os meios do fazerem florescer, e dilatar o seu commercio.*» E mais adiante: «se vio n'elles de muitos annos a esta parte o absurdo de se atrever qualquer individuo ignorante, e abjecto a denominar-se a si homem de negocio, não só sem ter aprendido os *principios da probidade, da boa fé, e do calculo mercantil*, mas muitas vezes até sem saber ler, nem escrever: irrogando assim ignominia, e prejuizo a tão proveitosa, necessaria, e nobre profissão.»

Nos *Estatutos da Junta do Commercio*, decretados em 30 de setembro de 1755, e publicados em 12 de dezembro de 1756, recommendava-se ao Provedor e Deputados da mesma Junta, que se empregassem com toda a diligencia e cuidado no bem-commum do commercio, não só procurando que se conservassem as graças e mercês, com que o soberano tinha já favorecido o trato mercantil d'estes reinos e suas conquistas, — senão tambem propondo a S. M. *os meios mais acomodados para augmento e dilatação do mesmo commercio, comprehendendo n'esta denominação, assim a mercancia em grosso, como as vendas pelo miúdo, e ainda as artes fabrís, que constituem os elementos da felicidade do reino.*

O alvará de 19 de novembro de 1757, providenciando contra os estrangeiros vagabundos e desconhecidos que andavam vendendo pelas ruas diversas miudezas, quando aliás a experiencia demonstrára que não passavam de ser desertores, e criminosos fugidos, e receptadores de furtos; esse alvará, digo, declarava que taes individuos eram indignos da Real protecção, e não mereciam gosar dos favores com que o Soberano cos-

(1) Coincidia a decadencia do imperio maritimo portuguez com os desacertos do respectivo governo. «A armada do anno de 1615 levou á India a fatal ordem para serem vendidos todos os empregos d'aquelle Estado, e o seu producto applicado ás necessidades publicas. Estranho meio de enriquecer o thesouro! — A immoralidade já corroía o corpo social d'aquelle conquista; a que ponto se elevaria com aquella determinação que fechava as portas ao mérito para as abrir ao dinheiro, extinguindo todo o género de emulação honrosa? Não admira pois que fôsse tão rapida e vergonhosa a decadencia.» (*Ensaio sobre a estatística das possessões portuguezas no Ultramar.* 2.^a Série, Liv. V. Est. da Ind. P. 1.^a por Francisco Maria Bordalo.)

(2) *Cahiers de la noblesse de Metz* — citados por M. A. Leymarie.

tumava animar os bons e louváveis commerciantes estrangeiros que assistiam n'estes reinos.

A famosa lei de 18 de agosto de 1769, chamada da boa razão, prohibia que se tornasse como subsidiaria a legislação romana em cousas do commercio, mas sim a legislação dos povos modernos mais cultos e adiantados n'este particular: *ibi* (§ 9.º) — «Ou aquella boa razão que se estabelece nas leis politicas, economicas, mercantilis, e maritimas, que as mesmas nações christãs tem promulgado, com manifestas utilidades de socego publico, do estabelecimento da reputação, e do augmento dos cabedacs dos povos.» — Queriam a lei arredar o socorro das leis de *Gentios...* que do commercio, da navegação, da arithmetica politica, e da economia do Estado, que hoje fazem tão importantes objectos dos governos supremos, não chegaram a ter o menor conhecimento.

Em uma palavra, na maior parte das leis da segunda metade do seculo do seculo XVIII encontramos estabelecidos os mais salutaes principios, reveladores da convicção do merecimento e uteis do commercio. «Civilisa as nações (dizia o alvará de 17 de agosto de 1758), enriquece os povos, e constitue poderosas as monarchias, que se arruinam com a sua decadencia, e abatimento da cultura.» Mas esse mesmo alvará reconhecia a indispensabilidade de se praticar no commercio uma mutua fidelidade. — A este ultimo proposito firmou o Assento de 2 de dezembro de 1791 o principio impreterivel — «da egualdade e boa fé, que particularmente deve haver no commercio, em utilidade publica dos Estados, e ainda particular das pessoas que n'elle se empregam.»

Uma observação acode logo ao espirito dos que estudam a legislação d'aquella época, e ainda a dos tempos que se lhe seguiram até aos dias de hoje. Reconhecia o soberano que deviam ser facilitados os meios de fazer florescer e dilatar o commercio; chegou até a dizer-se que a alma d'elle consiste na liberdade, e que essa liberdade era sempre digna de maior favor; e não obstante estas luminosas profissões de fé economica... eram tudo restricções, péias, regulamentos restrictivos do commercio!

Não estranhemos, embóra o lastimemos, este facto. A era da liberdade do commercio, a doutrina da livre troca, a maxima salutar da fraternidade humana applicada á circulação dos dons de Deus e dos productos da industria do homem... não tinham ainda chegado. A Economia Politica não era ainda uma sciencia; e os estadistas, não allumiados pelo clarão da experiencia, atterravam-se quando a imaginação, muito a correr, lhes offerencia a perspectiva de operações commerciaes não reguladas d'antemão.

— No artigo immediato passarémos a outra ordem de considerações.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

PLANTAÇÃO SOBRE AS CASAS

Na Suecia, vê-se, com frequencia, no campo, e ainda mesmo nas pequenas cidades, casas baixas cujos telhados, cobertos de hervas, servem de pastagem ás cabras, e é muito commum plantarem hortaliça sobre os telhados.

Em Noruega plantam arvores que cobrem os

telhados, de modo que uma aldeia, vista de longe, assimelha-se a um pequeno bosque.

O MYSTERIO DA NOITE

(Imitado livremente do inglez)

Tenebræ erant...

A noite escura e triste esparge os seus negrumes involve a terra inteira da treva o denso veio; tremulam lá ao longe phantasticos os lumes no centro da cidade que, lassa, adormeceu.

Ha pouco tumultuava qual pégo revoltoso que as vagas escumantes eleva com furor, agora jaz prostrado no somno silencioso deserta, solitaria, sem lida e sem rumor.

Nest'hora em que o silencio, a paz dos cemiterios saio d'entre os cyprestes, e habita na cidade, quem sonda, quem conhece arcanos e mysterios que involve em negras trevas da noite a escuridade?

Quem sabe quão diversas as horas de descanso serão p'ra cada um dos miseros mortaes?! Aqui um somno um brando em placido remanço, alem... sonhos de horror, sinistros e fataes!

Repoisa o tenro infante ao somno da innocencia qual flor pendida ao sopro da aragem matinal; feliz... inda não vio abrolhos na existencia tranquillo inclina a fronte no seio maternal.

Mais longe o pobre, o triste a quem opprime o fado lá dorme um somno curto, descanso enganador! em breve hade acordar, erguer-se angustiado e aos hombros retomar a cruz da sua dor!

Aqui o avarento sonhando rios d'oiro, e logo occulta mão que vem para o roubar, acorda em sobresalto, segura o seu thesoiro, só vê diamantes, joias... e chora ao despertar!

Alem o prisioneiro no carcere medonho apoz longo soffrer, caçado adormeceu; o espectro do remorso conjura em negro sonho abraça em vão delirio as ditas que perdeu.

No leito da agonia lá jaz o pobre enfermo prostrado ao somno inquieto da febre que o devora, exausto, moribundo, locou da vida o termo, talvez já para elle não brilhe a luz da aurora.

Mas eis que aq largo avulta sinistra a sombra esguia do funebre cypreste na funebre mansão; tambem muitos lá dormem na paz da campa fria o somno derradeiro de eterna duração.

É este o somno immenso, profundo, inabalavel que a todos nos aguarda, certissimo, fatal. Embora das tormentas o estrondo formidavel rebrame sobre as lousas do sólo sepulchral...

Ou sejam dos invernos os ventos sibilantes na rama dos cyprestes bramindo ao perpassar, ou sejam dos estios as brisas sussurrantes o somno dos sepulchros não podem perturbar!
Coimbra.

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

ABBADIA DE S. WANDRILLE

A antiga abbadia de S. Wandrille, um dos mais bellos monumentos gothicos da Normandia, deve a sua fundação a um homem virtuoso que preferio uma vida tranquilla e obscura á sorte brilhante para a qual o seu nascimento o chamava.

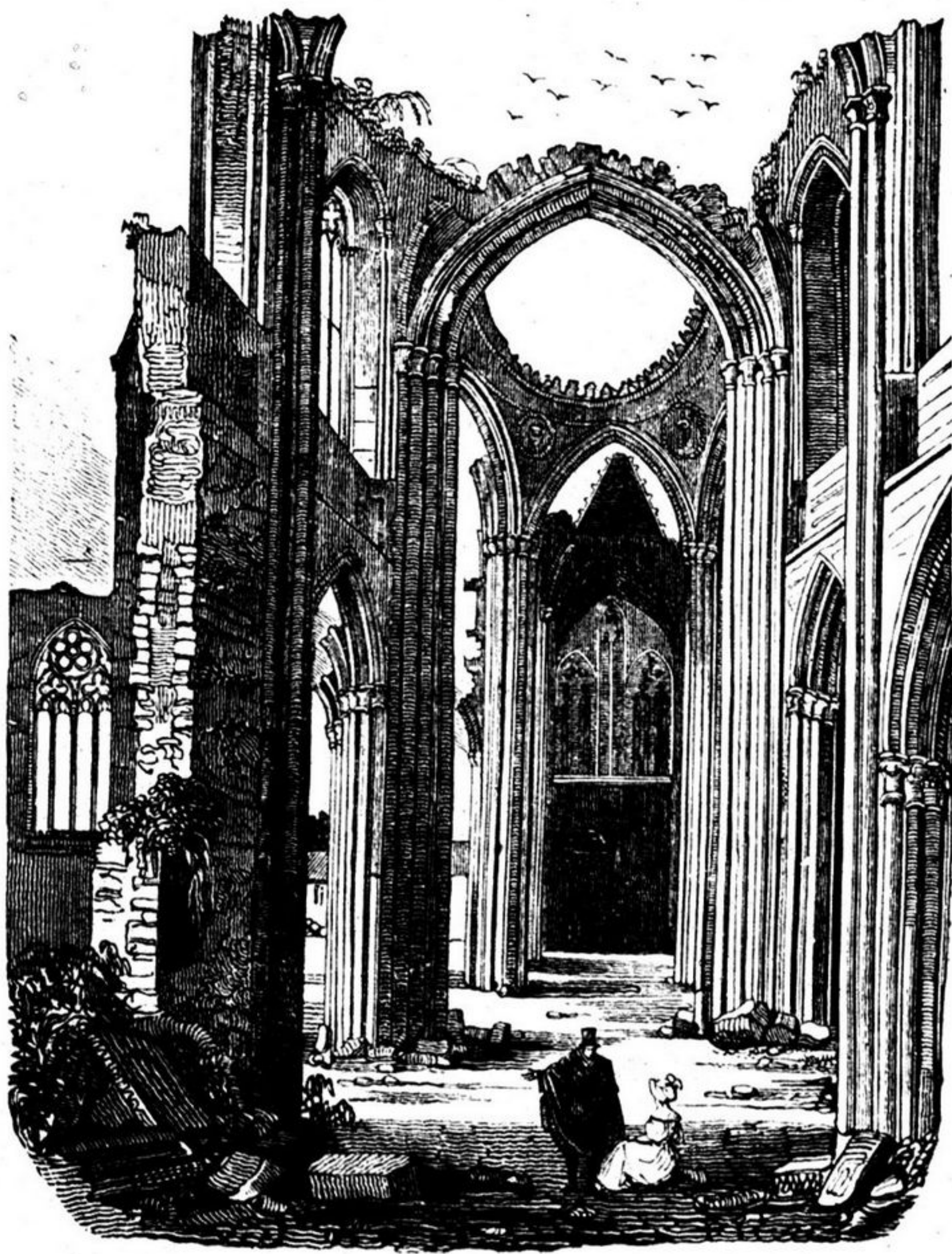
Wandregesilus, nasceu em Verdun, e recebendo as ordens sacras das mãos de Santo Ouen, então arcebispo de Rouen, só teve em vista fundar na solidão um mosteiro onde pudesse orar em paz, longe do tumulto e do bulício das cidades, e realisou o seu piedoso projecto, graças á concessão que o maire lhe fez de um terreno inculto nas margens do Fontenelle.

S. Wandrille ali fundou, em 647, um mosteiro, onde, em poucos annos, reunio trezentos habitantes, e vio elevar-se muitas egrejas sob a invocação de S. Pedro, S. Paulo, S. Pranceracio e

S. Lourenço. S. Wandrille morreu aos 86 annos, e a sua fundação teve grande desenvolvimento, sobretudo sob a administração de S. Lambert.

Contou no numero dos seus bemfeitores muitas pessoas illustres e entre ellas a mãe de Clotaire III, Santa Bathilde, esta mulher superior, que, depois de ter governado a Franca, succumbindo ás intrigas de palacio, vio-se obrigada a recolher-se na abbadia de Chelles, que tinha fundado.

Mais de uma vez a invasão dos normandos (em 844 e em 862) levou o terror e a desolação á



Abbadia de S. Wandrille

pequena colonia de Fontenelle, ficando reduzida a um montão de ruínas, jazendo n'este estado por mais de um seculo. Mais tarde, S. Gerardo, abade de Gand, obteve a restituição d'aquelle terreno sagrado, fez reconstruir o mosteiro, mas só em 1033 foi sagrada a nova egreja sob a administração do abade S. Gandulphe. Depois de dois seculos de prosperidade, apenas interrompida por ligeiros accidentes causados pelo fogo do céo, em 1250 a abbadia foi quasi completamente devora-

da pelas chammas d'um incendio mais violento que os precedentes, sendo depois mandada reconstruir, em parte, pelos abbades Pedro Manviel, Geoffroy II, e Guilherme de Norville, e finalmente foi terminada por Geoffroy IV pelos fins do seculo XIV. Apenas concluida, succedeu-se a decadencia, pela incuria dos monges, pelo abandono do povo, e afinal o tempo, que a reduziu a estado de ruínas, que fazem a admiração do viajante, do pintor e do architecto pelo seu as-

pecto pittoresco, tal como a representa a nossa gravura.

OS ANNOS DA MINHA AVÓ.

(Continuado de pag. 179)

VII

Carta de Ernesto a Clementina

«MINHA SENHORA. — Desde aquella magica noite em que o facho de luz, que se irradiava de todo o seu ser, me desvendou os olhos d'alma, mostrando-me, em toda a sua magestade, a celestial visão, que eu tantas vezes contemplára indifferente pela cegueira do meu espirito; desde aquella noite em que a sua imagem se assenhoreou do meu pensamento, como a hera flexivel e verdejante se prende em torno do tronco secco e rugoso do carvalho, repito mil vezes a mim proprio o verso do poeta francez:

• *La beauté d'un front sévère*
• *Ne peut pas toujours s'armer :*
• *Quand on est faite pour plaire,*
• *On est faite pour aimer !»*

«E esta singela quadra, que eu tantas vezes descuidoso repetira, torna-se hoje o problema da minha vida; cuja solução só depende de uma palavra sua.

«Diga-a, por Deus! não queira deixar mentirosas aquellas relações, que entre o condão de agradar e a sensibilidade do coração expressou no verso o poeta francez.

«Impende dos seus labios uma sentença de... vida! — *Ernesto.*»

VIII

Clementina à sua confidente

«Desconheço-me, minha amiga! Quando me vejo ao espelho parece-me divisar mais luz nos meus olhos, mais expressão no sorrir dos meus labios. Sinto-me coquette.

«Ora ser coquette, é ter desejo de agradar, em grão maior do que aquella que Deus distribuiu com prodiga mão por todas as desgraçadas filhas de Eva.

«Entre amigas tão intimas não vae bem a dissimulação, nem eu te roubo os instantes da tua vida de artista com as confidencias do meu coração para te confidenciar mentiras.

«Deixa-me porém continuar o meu raciocinio, que tem, segundo creio, a exactidão inflexivel de uma dedução mathematica.

«Demonstraram-me no outro dia, sob a palavra auctorizada de um poeta francez, que a propensão para o amor devia estar na rasão directa do condão de agradar. (Não te rias do enuncia-do d'esta lei de mechanica applicada ás forças do sentimento!) Ora se em mim cresce o desejo de agradar, creio poder sem erro de calculo concluir, que proporcionalmente deve crescer o impulso para o amor.

«E o caso é que os factos demonstram a veracidade do theorema.

«Para alguma coisa me haviam de servir as noções de mathematica, com que a sollicitude paterna julgou poder abrilhantar mais o esmero da minha educação!...

«O tom faceto que tenho sustentado n'esta carta, minha boa amiga, é uma mentira de meu espirito.

«São como as galas officiaes nos anniversarios dos reis! Eu estou contente, mas estou séria; falta-me um elemento para a alegria. O espirito embrenha-se em cogitações profundas, que, já vês, quam avessas são da jovialidade de animo. Se me nascesse um filho havia de ter um prazer analogo: os gosos da maternidade junto ás reflexões seriissimas sobre os deveres da sua educação e sobre os destinos do seu futuro. Alegria que finda por um ponto de interrogação!

«Nasceu-me um filho n'alma. Chama-se amor. O prazer da maternidade é o mesmo, intenso, indizivel, unico... mas cá estão a circumdalo as mais que sérias reflexões do seu destino.

«Quem poderá ler-lhe o horoscopo? Qual o Edipo que decifre o enigma que a esphinge me lançou desde o instante, em que dentro do peito se me desdobrou este sentimento?

«Penso, medito... e o resultado de todo este trabalho do espirito é o implacavel ponto de interrogação que me deixa suspensa a felicidade.

«Foi em uma manhã de março em que os madrigaes andavam voejando no ambiente embalsamado do meu pequeno jardim. Assomei á sacada do meu quarto a respirar a brisa matinal, quando divisei aos pés um ramo de mimosas violetas. Impressionou-me, não sei porquê, aquelle ramo, e insensivelmente liguei ás modestas florinhas, que jaziam sobre o alegrete, a idéa de Ernesto. Desci a colher o ramo; desmanchei-o com frenesi, como se adivinhasse o que no intimo se lhe escondia. Era uma revelação de amor, singela, nobre, modesta como eu imagino o espirito d'aquelle mancebo. Imprudente! querido imprudente! ousar, assim transpôr de um salto o espaço... quasi o abysmo que nos separava!

Guardei no seio aquelle bilhete que me deliciava e me pungia como o aspide de Cleopatra, e mais tarde esperei que Ernesto passasse. Sabia que elle havia de passar... adivinhei-o sem discrepancia de um minuto. Elle saudou-me garbosa, mas timidamente; eu levei aos labios o seu ramo e sorri!

«Imprudente! que me entreguei á fascinação, sem lucta e sem resistencia! Fugi da janella envergonhada e contente ao mesmo tempo, n'um estado absurdo de espirito, em que a satisfação e o arrependimento se enlaçam em tormento e ventura unicos e indivisiveis. Não o vi mais.

«Quando tornámos a encontrar-nos, foi no baile da viscondessa: o rubor que simultaneamente nos assomou ao rosto não sei eu dizer se foi de confusão, se de prazer. Sei apenas que no rapido voltear de uma valsa, — a primeira que se dançou e a unica que eu dancei, que, depois d'ella, seria profanar tão doce sensação entregar-me nos braços de outro par indifferente e frivolo — senti zumbirem-me aos ouvidos as flebeis modulações de uma phrase que terminaria n'um beijo, n'essa extrema harmonia vibrada por bocca humana, se para tal não fôsse mister o roçar dos labios sobre a face, que as conveniências sociaes condemnariam.

«Mas o beijo ethereo, vaporoso, incorporeo, senti-o eu; senti o condensar-se-me a ardencia do seu halito sobre um ponto unico da minha face, e os labios d'elle estremecerem n'um fremito convulso. E eu baixei os olhos, tremula, confusa, enebriada de prazer. Momentos depois fugia á fascinação que me arrastava, e que amea-

cava perder-me. Mas entre nós havia-se convenido uma correspondencia favorecida pelo mesmo meio que lhe havia servido para a sua primeira imprudencia!

«O espirito da mulher não pára n'este despeñar vertiginoso da volupia do sentimento.

«O amor seria o maior remorso, se não fóra o maior prazer.

«Os versos que elle me enviou anonymos pelo correio fóra o primeiro elo d'esta cadeia de imprudencias, que terminará Deus sabe onde! Já vês que não dissimulo a mim propria as apprehensões tristissimas que tenho ácerca dos destinos d'esta affeição; mas deixo embalar-me descuidosa n'este perigoso encantamento.

«Olha! lembras-te de quando eramos creancas e brincavamos juntas no balouço do meu jardim? Lembras-te como nos compraziamos quando a vertiginosa oscillação, enviando-nos a extraordinaria altura, convertia n'um perigo aquelle brinquedo? E nós fechamos os olhos, contraíamos instinctivamente os dedos pequeninos em torno da corda salvadora, e deixavamo-nos precipitar e elevar ao sabor d'aquella oscillação, soltando gritos de enthusiasmo e de alegria, cada vez que o perigo nos sorria mais imminente!

«Tal é a imagem da minha vida!

«Vejo aos pés o abysmo e, fechando os olhos, deixo precipitar-me n'elle com a mesma deleitosa volupia com que me elevo aos ares em phantasias de febril enthusiasmo, sentindo esse prazer vertiginoso, que na celere oscillação do balouço, ao fendermos o ambiente com violencia, nos dilata os pulmões, nos enche de vida, nos refrigera as faces, nos enebria na morbidez do deleite.

«Amo-o!

«Este grito que a consciencia me vem dizer ao ouvido, e que eu debalde tenho querido fazer calar no coração, confesso't-o, a ti, minha amiga, e n'esta confissão sinto desdobrar-se-me, duplicando-se, o prazer d'este sentir que alimento.

«Já vês que me desconheço como tu mesma me desconheceria: Mas se o meu coração tão mudado está no que respeita aos affectos suavês do amor, só não muda, nem mudará jámais na doce affeição de amizade que te dedica a tua — *Clementina.*»

(Continúa)

C. B.

POETAS E PROSADORES

(Continuado de pag. 183)

Deu o nome d'*Occasos* ás suas poesias o sr. Pedro de Lima que teve a rara fortuna de ser editado por um intelligente mancebo do Porto, affeito a trabalhos litterarios e digno apreciador d'elles, o sr. A. R. de Sousa e Silva.

O volume de poesias do sr. Pedro de Lima divide-se em tres partes que se denominam: *Quem?* — *Eu* — *Vós!* Já pela escolha dos titulos se póde adivinhar que o auctor é uma d'estas boas cabeças, cheias d'intelligencia e de poesia, que, n'um dia de verão, quando passavam descantando os seus canticos jubilosos, apanharam de chapa a soalheira — Victor Hugo (consintam que eu tambem faça de iniciado).

É sina fatal dos grandes talentos fazerem desa-

brochar em torno de si uma turba de imitadores, que lhes exageram os defeitos, e lhes desacreditam as bellezas. Foi assim que o enxame seiscenlista conseguiu affogar a reputação de Gongora, que era, apesar das suas extravagancias, uma das mais viçosas imaginações das Hespanhas, e que nós hoje não vemos já senão atravez do prisma multicolor d'aquelles que tomaram o seu nome por guião, e que o fizeram responsavel, como poeta cujos passos seguiam, pelos delirios da sua musa esfalfada e offegante.

Assim tambem os insipidos romances pastoris do seculo XVII fizeram cair entre nós em descredito a *Diana de Montemagor*, que é um primor de narração. Assim Bocage exerceu tambem sobre os rapazes enthusiasmas que o applaudiam uma influencia funesta, porque deu origem á óca e negregada escola dos elmanistas, que seriam tambem capazes de dar cabo da fama do poeta de *Leandro e Hero*, se a revolução litteraria do presente seculo não lhes viesse pôr cobro ás demasias, e suspender a torrente de máu gosto que, derivando-se d'aquella fonte crystallina de poesia, já ia tumultuando, e enturvando-se a cada passo com as levadas barrentas que affluíam a engrossal-a.

Nenhuma influencia comtudo tem sido tão perniciososa como a de Victor Hugo, porque, por uma estranha attracção, nunca a exerceu tão desenvolvidamente como depois que deixou de ser o grandissimo poeta que foi para adoptar uma segunda maneira, ainda sublime, muitas vezes porém já forçada e tumida. Anjo despenhado do céu da pura inspiração dos seus primeiros annos, quiz ser Titão e escalar o firmamento trepando a um pedestal d'hyperboles, e amontoando anthiteses sobre antitheses como o *Pelion* sobre o *Ossa*. A emphase de muitas das poesias das *Contemplações*, o monstruoso d'alguns dos poemas da *Lenda dos seculos*, a affectação muitas vezes ridicula das *Chansons des rues et des bois* mettem dó quando a gente pensa que essas composições hybridas as traça a mesma penna que desenhou os phantasiosos arabescos das *Orientaes*, que escreveu as *Odes e baladas*, as *Folhas do outono*, os *Cantos do crepusculo*, as *Vozes intimas*, e os *Rayons et ombres*, essas colleções immortaes de preciosas lyricas que no nosso seculo em nenhuma lingua tem rival.

Mas desgraçadamente porém essas mesmas composições emphaticas, turgidas, e affectadas encontraram não só admiradores, mas imitadores tambem, e imitadores que as exaggeraram, e que apagaram esse reflexo com que um genio como o de Victor Hugo illumina mesmo as suas mais profundas aberrações. Será porque é mais facil imitar os defeitos do que as bellezas? Será porque são rarissimos os Julios Romanos que chegam, em alguns dos quadros feitos em collaboração com os Raphaelis, a confundir completamente a sua maneira com a maneira do mestre? Será porque só da escola de Leonardo de Viuci, o homem profundamente iniciado nos segredos da arte e que sabia como ninguem inculcal-os aos outros, é que

podem sair discipulos cujos paineis a posteridade não distinga dos paineis do grande pintor! Não sei; a verdade é que os imitadores de Victor Hugo não fazem senão desfigurar-lhe o genio, e pôr-lhe em relevo os defeitos; que, se nas suas verdadeiras e transparentes imitações Eduardo Pailleuron é uma ou outra vez feliz, a maior parte das vezes é insupportavel, e que os livros d'Augusto Vacquerie, esse reflexo vivo de Victor Hugo, só os podem lêr os iniciados que adoram qualquer emanação, por muito pallida que seja, da chamma que, ardendo em Guernesey, ainda hoje, apesar de trémula e fumacenta, illumina o oceano e o mundo.

O peor é que muitos talentos verdadeiros se perdem e se estragam n'essa ardua tarefa d'uma imitação impossivel. É o que succede ao sr. Pedro de Lima; poeta de eminentes qualidades, poz o seu fito em Victor Hugo, e lá vai a andorinha querendo seguir a aguia pelos plainos incommensuraveis do céu, e conseguindo acompanhá-la apenas quando ella baixa o vôo.

Pois não lhe valia mais voejar sem canceira, e armar, á beira do telhado natal, o seu doce ninho alcatifado de musgo?

Não quiz; preferio correr as aventuras nos espaços onde paira a ave olympica de Jove.

Ouçâmol-o; aqui temos o *Idyllio d'um pobre*. Ha, n'uma das antigas colleções das poestas de Victor Hugo, um delicioso harpejo que principia.

Puis qu'ici-bas toute âme
Donne à quelqu'un... etc.

O sr. Pedro de Lima acompanha-o senão na idéa, pelo menos no tom e no movimento de rhythmico.

Pois, que me sinto ebrio
D'escuridão;
Meu pesadelo quebre-o
O amor, clarão.

Pois que, desfeita a duvida,
Tudo engrandece,
Sorri-me, aurora rubila,
Esta alma aquece.

E assim continua afinado, e com um certo encanto, porque o sr. Pedro de Lima possui, como já disse, o colorido da frase e a harmonia da forma; esperem porém; a extravagancia não tarda.

Vinde em tropel, Virgilio,
Plauto e Terencio,
Um a epopéa, o outro o idyllio,
O outro... silencio.

Silencio porque? Por causa da rima, não ha outra razão. E depois quem é a epopéa? É Virgilio? Bem. E o idyllio? É Terencio, é Plauto? Plauto é a comedia romana, popular, soltando a gargalhada estrondosa e franca no theatro cheio de espectadores, que applaudem com entusiasmo as suas *farças atellanas*, nobilitadas pelo genio do poeta. Terencio, o *dimidiato Menander*, como lhe chamava Cesar, é a comedia polida, aristocrática, reflexo suavissimo da Grecia culta, applau-

dida pelos patricios illustrados, mas ouvida com bocejos pelas massas, que a desamparavam, como o poeta d'isso se queixa n'um dos seus prologos, para irem ver os saltimbancos. Então onde está aqui o idyllio, ou a necessidade de reticencias? Prosigamos:

Cantae, O ar é tepido;
Diz á manhan
Um pintasilgo lepidio:
Bonjour maman!!!

Envergonhem-nos pelo maior poeta d'este seculo: este exemplo de refinado máo gosto não o deu o sr. Pedro de Lima, encontra-se ainda mais estapafurdio (vá a palavra que é digna do caso) nas *Chansons des rues et des bois*; foi ahí que Victor Hugo, Victor Hugo o poeta das *Folhas do Outomno!* escreveu a seguinte quadra:

Ézéchiél en parle encore
Le ciel s'inquiétait de Job:
On entendait Dieu dès l'aurore
Dire: As-tu déjeuné, Jacob?

Precisarei de explicar aos leitores, para lhes fazer comprehender este *calembourg* de que se envergonharia um *commis-voyageur*, que «*As-tu déjeuné, Jacquot?*» é a phrase que em França se dirige habitualmente aos papagaios?

E, comtudo, o sr. Pedro de Lima tem um verdadeiro talento, e ha poesias suas d'um elevado alcance; por exemplo a poesia *Nuvens*; ahí ha grandeza de pensamento, e tanta originalidade quanta pôde ter o poeta que nunca desvia os olhos d'um modelo; mas, não fazendo caso d'aquelles substantivos acorrentados dois a dois *comme les vers classiques et les bœufs*, diria Alfredo de Musset, deixando o *homem-solidão*, o *seio horror* (é o mar), e o *heroe talha-mortallas* (é Bonaparte) e o *anjo Noite* (é Satanaz) e o *anjo-tufão* (é o vento) e o *anjo-Deleite* (não sei quem é), deixando de parte esses filhos bastardos de Victor Hugo, havemos de realmente admirar essa formosissima poesia. Tem bellos trechos como este:

Cresci.

N'um dia só, um raio d'essa luz
Que vem não sei de d'onde e que os homens conduz,
Jorrando sobre mim um clarão subitaneo,
Desfez a nevoa escura e traspassou-me o craneo
Tornando a noite aurora.

Então, como um vulcão,
Que contém dentro em si as lavas em fusão,
E que um dia as arroja em vasto mar de fogo,
Senti do pensamento arrebentarem logo
As idéas, tropel d'escandecidos soes;
Era alguém que sentia em si azas.

Depois
Veio a febre latente, o incendio que labora
Até que enfim destróe, o que esta alma devora
Ao exhalar do peito estes trémulos sons.

Mas é fatalidade que não possa virar a esquina dos mais bellos versos do sr. Pedro de Lima, sem ver projectar-se-me no chão a sombra immensa do exilado de Guernesey.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.